**SER RESIDENTE EM UMA ESCOLA PUBLICA FEDERAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OS LIMITES E POSSIBILIDADES**

Raylka Oliveira de Araújo[[1]](#footnote-1)

Renata Rafaela Maria da Silva[[2]](#footnote-2)

Vinicius Santos Brandão[[3]](#footnote-3)

Kadja Michele R. Tenório[[4]](#footnote-4)

**Resumo:** O presente trabalho vem com o objetivo de analisar os limites e possibilidades da experiencia na residência pedagógica em uma escola pública federal. Relatando as experiencias vivencias no período imersão buscando evidenciar como isso contribuiu com o ser residente e para a qualificação da nossa prática pedagógica.

Palavras chave: Residência Pedagógica; Educação Física; Escola Campo; Residente.

**INTRODUÇÃO**

No último ano, especificamente em março de 2018, foi lançado no Brasil o Programa de Residência Pedagógicado Ministério da Educação (MEC), por meio do Edital 6/2018 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Estando na pauta da atual Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, esse edital objetivou selecionar Instituições do Ensino Superior (IES) públicas, privadas sem fins lucrativos ou privadas com fins lucrativos que possuíssem cursos de Licenciatura participantes do Programa Universidade para Todos, para “implementação de projetos inovadores que estimulem articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica.” (BRASIL, 2018, p. 1).

Dentro desse contexto nós, estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física (EF), da Universidade de Pernambuco (UPE) participamos de uma seleção a partir de um edital público e, aprovados, fomos alocados em escolas- campo. Inicialmente formos alocados no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) no período de 6 meses destinada ao período de observação, mas por motivos maiores formos

realocados para outra escola campo já no período de inserção, o Colégio de Aplicação da UFPE (CAp).

A experiencia relatada nesse texto teve como escola campo o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco. Trata-se de uma escola destinada ao ensino da educação básica alicerçada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. Há que se destacar que essa escola-campo funciona como lócus privilegiado de formação inicial e continuada de professores e de inovações tendo em vista sua natureza de Colégio de Aplicação. Tivemos o acompanhamento na escola-campo de um preceptor, função desempenhada por professor efetivo do componente curricular Educação Física da escola-campo que também passou por processo seletivo, docente na disciplina de EF na instituição.

Diante desse contexto o objetivo desse trabalho é analisar os limites e possibilidades da experiencia na residência pedagógica em uma escola pública federal. A fim de evidência como essa experiencia contribuiu em ser residente e consequentemente na nossa formação na prática docente.

**METODOLOGIA**

Por meio da perspectiva de um relato de experiência, descrevemos as vivências durante um semestre letivo, com período datando entre os meses de agosto a novembro de 2019 com uma turma do 2º ano do ensino médio que comportava 30 alunos durante duas aulas germinadas uma vez na semana toda terça – feira.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A residência pedagógica residência pedagógica é uma atividade de formação realizada por um discente regularmente matriculado em curso de licenciatura e desenvolvida numa escola pública de educação básica, denominada escola-campo. (EDITAL CAPES nº 06/2018) é um modelo de estágio supervisionado obrigatório que articula formação inicial com a formação continuada de professores que atuam em escolas públicas, visando o aperfeiçoamento dos discentes de licenciatura, através do desenvolvimento de projetos, qualificando o campo prático fazendo o licenciado vivencie a relação entre teoria e prática profissional docente.

Nesse contexto, a Residência Pedagógica se diferencia do estágio tradicional pois oferece um aparato muito maior ao licenciando no que se refere a esse aperfeiçoamento. Tal aparato contempla atividades mais amplas, como por exemplo oferece suporte de um docente orientador responsável pela articulação entre a universidade e a escola campo nos acompanhando através de reuniões na universidade e organizando oficinas buscando qualificar a nossa prática pedagógica.

Já na inserção na escola campo no que se refere as intervenções pedagógicas para além dos momentos das regências em sala, temos acompanhamento de um professor/preceptor da escola que dá todo tipo de suporte e atendimento em relação à tudo que envolve a prática pedagógica e confecção de produções acadêmicas que

dão retorno à sociedade e à escola de tudo que foi produzido durante o período de imersão. Tudo isso orientado por um professor da instituição de formação, que acompanha todo esse processo.

O Colégio de Aplicação Educação da Universidade Federal de Pernambuco-CAP\UFPE, foi fundado em março de 1958 para funcionar junto à Faculdade de Filosofia como um laboratório experimental. Atualmente é vinculado ao Centro de Educação da UFPE, e atende aos acadêmicos das licenciaturas, em suas habilitações.

Seu campo de atuação inclui a elaboração de técnicas pedagógicas e educacionais, a fim de serem repassadas às instituições de ensino, como um retorno para sociedade e visando a preparação do estudante para um futuro ingresso na Universidade Federal de Pernambuco. O colégio disponibiliza o ensino, a pesquisa e a extensão, dando aos estudantes maiores possibilidades de experimentação em diversas áreas da educação. O projeto-político pedagógico do colégio, apresenta como objetivos: Promover a formação integral dos alunos do Ensino Fundamental e Médio; Servir de campo de experimentação na área do Ensino Fundamental e Médio; Servir de campo de estágio para as diversas licenciaturas da UFPE e de outras instituições; Ser um espaço privilegiado para formação continuada de professor da educação básica realizada pela universidade, articulada com a participação institucional nos programas de apoio à formação de docentes.

Como o Colégio de Aplicação da UFPE propõe, em seu trabalho pedagógico, Servir de campo de estágio para as diversas licenciaturas da UFPE e de outras instituições, o iniciar o período de imersão nos adequamos às turmas que o preceptor estava responsável por reger aula, de forma que tivemos a oportunidade de trabalhar com turma do 9° ano do ensino fundamental e 2° ano do ensino médio.

Um dos diferenciais que a escola campo possui está no currículo da escola, onde ela oferece para os alunos disciplinas a parte do currículo para melhor aproveitamento dos alunos. As disciplinas são parte diversificadas do currículo (PD) e no contexto da residência pedagógica foi oportunizada trabalhar com a PD de esporte escolar disponibilizada para turma do 9° ano A e B do ensino fundamental onde ela oferta para os alunos a vivencia do esporte escolar numa perspectiva da educação física escolar e nessa turma comporta no máximo 10 alunos.

Nesta disciplina pretende-se provocar a reflexão da pluralidade do esporte, ressaltando sua relevância enquanto um dos elementos da cultura corporal e defender uma abordagem crítica no trato com o conhecimento para o ensino das modalidades esportivas. Para nós residentes que ministramos aula nessa turma foi uma experiencia altamente relevante para nossa formação porque nos possibilitou uma reflexão sobre a prática do esporte, sobre como abordar o esporte sem caracterizar ele com uma abordagem tecnicista e para além disso o quantitativo de alunos influenciou das mais diversas formas no ministrar e planejar essa aula onde exigia uma reflexão e adequação dos conteúdos de esporte neste caso o vôlei e basquete que foi trabalhado no semestre.

Buscando aprofundar as experiências e o entendimento sobre o que trata as modalidades trabalhadas e essa experiência com um trato nessa perspectiva diferenciada disponibilizada pela escola – campo para além dos benefícios citados qualifica em quesitos de ampliação nas possibilidades metodológicas e também no processo avaliativo, ou seja, por ser uma turma diferenciada nos possibilitou uma reflexão em ir buscar as mais vastas metodologias para que os objetivos das aulas e da disciplina fosse alcançada, a única coisa que limitava seria apenas o quantitativo de alunos, pois, como comportava pois alunos necessitava de cuidados e adaptações para uma aula que além de boa não se tornasse monótona e chamasse atenção dos alunos tendo um retorno deles não apenas no momento de atividades mas também nos momentos de rodas de conversas.

Para além dessa vivencia no contexto da educação física escolar, a escola oferta ela como uma disciplina obrigatória e vivenciamos com turmas do 2° ano A e B do ensino médio, que nos oportunizou uma extrema qualificação da nossa prática pedagógica no sentindo que a demanda de ensino médio vem com uma perspectiva de aprofundamento e nesse sentindo buscamos qualificar o máximo as aulas, para melhor aproveitamento desses alunos, nesse semestre trabalhamos sobre o jogo onde buscamos relacionar a prática do jogo com os aspectos sociais afim de possibilitar uma reflexão nos alunos e todo esse processo de planejamento nos faz refletir como nosso papel de futuros docentes é importante pois, nossas aulas iram dar um retorno diretamente com o social desses alunos, sem contar que o encorajamento em reger uma aula, aumentando nossa confiança e vermos como conseguimos foi um dos principais benefícios que conseguimos observar.

Ao planejar as aulas levamos em consideração observações feitas pelo preceptor é uma turma que se dispersa rápido em momentos de discussões e gosta muito de atividades, algo que beneficiou bastante com relação a participação deles também no início foi feita uma diagnose em formato de aula para observamos o comportamento e participação dos alunos e as observações que nos foram passadas. Planejamos sempre aulas com atividades lúdicas, levando em consideração particularidades da turma de forma que todos participassem da aula e nos momentos de regência observávamos se tínhamos esse retorno com relação as observações.

O que limitava um pouco é que era perceptível a negação com relação a sermos estagiários e não o professor regente, mas, essa barreira foi sendo rompida aos poucos após algumas aulas. Por ser uma turma grande e participativa a atividade que você propusera eles faziam e participava nos momentos de discussões apenas em alguns momentos eles insistiam em atividades fora do contexto das atividades relacionadas ao conteúdo jogo, por gostarem de tal prática, mas após conversa chegávamos em consenso com os alunos.

Observamos que eles são uma turma que gostam de questionou o que nos faz correr atrás e estudar mais para participar de forma efetiva nos momentos de rodas e responder duvidas e questionamentos feitos e isso colaborava muito nas aulas, pois, articulávamos o diálogo com as atividades propostas tendo uma aula coerente e com um retorno positivo observado no momento de rodas.

Ministrar aulas no ensino médio nos possibilitou uma reflexão riquíssima acercar dos planejamentos e dos processos avaliativos.

Sendo correspondido como a última etapa da educação básica, o ensino médio, como já foi citado anteriormente, tem como objetivo aprofundar os saberes adquiridos no ensino fundamental, relacionando-os com os conhecimentos necessários para a formação para o trabalho. E o ensino médio deve também oferecer uma formação ética que vise à autonomia e ao pensamento crítico do indivíduo, sendo isso um dos princípios para a elaboração dos planejamentos semestrais e planos de aula. A maioria dos estudantes que estão cursando no momento e ensino médio na escola, concluíram o ensino fundamental, na própria escola e já se adaptaram ao modelo ofertado.

 Logo, vemos que ensinar é uma tarefa que apresenta suas peculiaridades e complexidade e requer grande preparo e competência. A atuação docente no Ensino Médio perpassa por grandes desafios na contemporaneidade. Tudo isso porque a sociedade vive em constante transformação e essas mudanças acabam refletidas na escola, tanto na organização escolar quanto nas relações sociais e de aprendizagem.

 O Programa de Residência Pedagógica, surgiu justamente para que os graduandos, sintam na prática o que compõem a realidade escolar e como fazer com que todas essas mudanças da sociedade vigente sejam superadas na elaboração de cada aula, buscando com qualidade o professor, o que incide sobre êxito e também traz a realidade das vivências em escola públicas e busca também proporcionar relação entre o ensino superior e a educação, nas escolas.

 Experimentar e vivenciar a prática de professor de educação física, especialmente no ensino médio, na realidade escolar torna-se se suma importância para que se consiga avaliar os obstáculos e pôr em prática resoluções para eles no início da carreira docente, adaptando-se aos sujeitos e ao meio que estão inseridos. Essa imersão na escola-campo, nos proporcionou colocar em prática toda nossa teoria recolhida na Universidade, na qual estávamos inseridos.

Para além disso por ser uma escola que já é voltada para essa qualificação docente, o processo avaliativo que foi feito pelo preceptor, onde nos avaliava e nos acompanhando nos deu vários subsídios para sempre buscarmos melhorar onde nesse processo feito a partir de reuniões coletivas nós residentes, nos avaliávamos, avaliávamos as aulas e os alunos e ainda somos avaliados pelo preceptor e escutávamos as observações feitas pelos demais residentes que observou a regência.

Para além das regências já foi citado que a residência pedagógica possui muitas diferencias do estágio curricular obrigatório, vale salientar que ela é um modelo desse estágio atual apresentando uma nova proposta.

Nosso processo de imersão, aconteceu em uma outra escola-campo nesse caso no CAp, onde o modelo avaliativo seguia padrões quantitativos, e passamos a avaliar no modelo qualitativo, que avalia contexto sociais e dados específicos, e tem como objetivo, interpretar fenômenos a partir da percepção do grupo, gera dados de

forma descritiva, os resultados apresentados pela avaliação são frutos da perspectiva do grupo avaliado, tem caráter subjetivo e gera interação.

Entendo isso no estádio obrigatório comum nos estudantes da universidades apenas vamos para as escolas de educação básica, regemos as aulas e vamos embora e isso resulta em algumas demandas para disciplinar, já em contexto da residência pedagógica isso acontece de forma altamente diferenciada pois, a residência busca qualificar nos proporcionando a vivencia não apenas das regências mas de todo o contexto escolar, nesse sentindo nós não apenas regemos as aulas para as turmas nós participamos dos conselhos de classes, encontros de pais e professores e também do processo avaliativo de cada aluno.

Como já pode ser observado o Colégio de Aplicação é uma escola que possui um diferencial muito grande e esse diferencial se expande não apenas no quesito de estrutura da escola que além de disponibilizar uma quadra poliesportiva boa também disponibilizar bastante materiais para as aulas e vai também para o trato da escola com esses alunos.

Ao iniciar estudo da prática docente um dos principais apontamentos que escutamos é que nós devemos ter empatia e respeito com os nossos alunos respeitando a sua realidade e sabendo associar a aula a isso e que é de suma importância saber ouvir o aluno.

No ensino tradicional das escolas nós observamos que normalmente não é assim que acontece a escola é a protagonista e o aluno não tem muito voz e o processo avaliativo se limita a questão 0 a 10 avaliando o aluno apenas no momento daquela prova descartando toda a caminhada desse aluno no ano letivo.

Nesse contexto de nos residimos na escola e participar dos demais espaços que a escola – campo nos disponibilizou, essa vivencia por ser um processo altamente diferenciado do ensino tradicional, nos vê a importância e relacionar com o que nos foi dito na universidade que vai muito além de uma questão de avaliar mas também de saber ser avaliado e procurar melhorar, de ouvir o que o seu estudante tem a dizer pois o ensino ele é uma via de mão dupla no mesmo tempo que a gente ensina, a gente aprende.

Esse modelo, oferecido pela escola da imersão, onde o estudante deve ser avaliado, não por provas e sim por avaliações feitas pelo professor durante o decorrer das aulas e posteriormente elaborado pareceres avaliativos para serem discutidos no conselho de classe e em reuniões com os pais e/ou responsáveis por cada estudante. Essas avaliações podem ser feitas das mais diversas maneiras. Os estudantes sempre são avaliados com algum resumo que fazem da aula, apresentação de atividade em grupo, participação em debates, frequências nas aulas, entre outros, tudo isso somando para constatar se o estudante atingiu totalmente/ parcialmente/ou não atingiu os objetivos de cada aula, para melhor entendimento desse modelo vamos especificar melhor como é esse funcionamento.

Avaliar é diagnosticar o desenvolvimento do aluno ao invés de julgar. A principal função do processo de avaliação não é dar uma nota, mas aperfeiçoar as situações da aprendizagem e do currículo como um todo. É verificar se o aluno está aprendendo, se a proposta pedagógica está dando resultado, se a aprendizagem está no caminho certo” (Izabella Sadalla, 2001). O processo avaliativo utilizado em grande parte das escolas no Brasil é um método tradicional, no qual esse processo é centrado na pessoa do professor. O papel do professor nesse sistema tradicional é de “juiz”, preparado apenas para julgar o desempenho dos estudantes em momentos específicos desse processo. Diferente do visto e vivenciado no CAP por nós residentes e por todos os docentes. Um sistema avaliativo no qual o estudante é o centro do processo, onde o aproveitamento dos estudantes durante o processo é observado, passando a questionar mais o potencial dos educandos, as condições estruturais, condições de vida e tantos outros condicionantes que podem interferir diretamente no aproveitamento dos estudantes.

Como falado anteriormente no sistema tradicional o centro era o professor e isso é fato também durante esses apoios, onde tudo que acontecia teria que ser resolvido apenas por um sujeito do processo, sobrecarregando este indivíduo que por muitas vezes não conseguia observar determinadas situações em que poderia prejudicar o prosseguimento da aula e até o desempenho do estudante. O acompanhamento feito pelo colégio com os estudantes é fundamental, buscando sempre o bem-estar desse ser em todos os ambientes do colégio e se alguma coisa externa tem influenciado positivamente ou negativamente esse estudante. E os sistemas de apoio psicológico vem para mudar essa regra também, dando suporte aos docentes e discentes, tirando a sobrecarga do professor e auxiliando no que é necessário para o andamento das aulas, mas também dando suporte aos pais/responsáveis desses estudantes, deixando-os informados periodicamente (nas reuniões existentes) ou se for necessário, de maneira mais individualizadas a depender da situação. Fazendo-os ativos de tudo que ocorre dentro da escola, para que esses possam ser participes da vida escolar desses estudantes.

No CAP, nós residentes temos a oportunidade de participar de vários momentos importantes para esse processo avaliativo, nos quais começamos a entender melhor a avaliação centrada no estudante, em que os próprios estudantes fazem parte, exercendo um papel democrático onde os estudantes têm vez e voz, podendo questionar, dar sugestões e avaliar também os docentes, estagiários e residentes. E durante todo o ano letivo são construídos “os pareceres” dos estudantes, onde tudo que é vivenciado é relatado durante os conselhos de classe (com a presença dos próprios estudantes, de maneira geral) e de maneira específica (trabalhando com o coletivo) em todos esses momentos o sigilo das informações é assegurado, para que não haja nenhum tipo de constrangimento e que todos os envolvidos no processo não sejam prejudicados de alguma forma. Nesses relatos podemos ouvir e compreender melhor os estudantes, se evoluíram em determinada disciplina e se regrediram em outras, se existe alguma problemática que tem atrapalhado o desempenho escolar e se também tem evoluído, demonstrado maior interesse e ajudado durante o percurso percorrido.

Essa oportunidade de vivenciar a escola como um todo é muito importante para, pois nos dá subsídios para melhor avaliar e compreender as situações de cada estudante e sua individualidade. Dá qualidade a todo processo, facilitando o entendimento de que questões “simples” podem interferir diretamente no desempenho do estudante, afastando-o ou aproximando-o do contexto escolar. Sendo importante informar que essa forma avaliativa não prevê uma “passagem automática”, onde os estudantes estão sendo bajulados e não dar continuidade ao processo, vale ressaltar que existe um rendimento mínimo, que requer um comprometimento dos estudantes para o desenvolvimento das habilidades básicas adquiridas.

O funcionamento do conselho de classe da escola nos possibilitou essa reflexão, pois, foi possível observar o cuidado e carinho que a escola tem com esses alunos, no conselho de classe ele se organiza inicialmente com presença dos alunos e dos professores na sala, onde o primeiro momento é destinado para a avaliação dos alunos com relação aos professores e estagiários e as suas aulas eles escrevem essa análise e levam impresso no dia desse encontro para entrega, onde eles lê isso em voz alta para todos ouvirem e em seguida escutar a respostas dos professores e dos docentes sobre essa analise nesse mesmo tempo em que o professor analisa como a turma se comporta durante as aulas e diz no que essa turma pode melhorar ou não.

O que isso chama bastante atenção pois, o fato de existir um espaço para os estudantes no conselho de classe, onde os mesmos têm a oportunidade de avaliar os professores o seu processo ensino-aprendizagem. Um exercício extremamente bem-vindo tanto por parte dos estudantes quanto dos professores, estimulando o laço de compromisso e responsabilidade de ambos.

Nós como residentes/estagiários ter esse momento e direto de fala, de respostas a uma análise feitas pelos alunos das aulas que nos regemos para eles, é algo riquíssimo e para além disso respondermos essa análise e falamos sobre o comportamento da turma nos disponibiliza um avanço que nós não temos nem como medir, sem contar que esse é o momento em que os alunos se sentem a vontade para literalmente “desabafar” sobre os problemas e frustações que a turma vem enfrentando no dia – a – dia entre si ou até mesmo pessoal e você ter a oportunidade de uma escola que os estudantes se sentem totalmente a vontade de falar isso é muito interessante pois, nós conseguimos analisar acontecimentos na escolas que são altamente internos e a escola se disponibiliza a buscar estratégias para resolver esses conflitos. Após esse momento riquíssimo o conselho muda de organização, onde, os alunos saem da sala e fica somente os professores e o pessoal do SOAE que serão citados mais a frente, onde, cada professor avaliar cada aluno dessa turma, dando destaque tanto positivo para aquele aluno que se destacou e avaliando aquele aluno que teve queda no seu rendimento ou está com dificuldade e fala do comportamento do mesmo e busca avaliar o que está acontecendo. Nesse sentindo de avaliação separada vem a presença do pessoal do SOAE, onde, são profissionais e psicólogos que com base na análise feita nessa reunião trabalham com esses alunos de forma separada, conversando, dando oportunidade de fala para buscar ajudar esse aluno a voltar a acompanhar o rendimento da turma.

Além do conselho de classe não é apenas os alunos que têm que levar impresso a avaliação deles, mas também, os professores entregam os pareceres dessas turmas.

Os pareces são feitos no final de cada conteúdo, onde, o aluno é avaliado não da forma tradicional dando nota, mas é avaliado se ele conseguiu alcançar os objetivos propostos pela unidade didática e como ele fez isso se participou, se se destacou, se não conseguiu alcançar e dizer o porquê não. Essa oportunidade de avaliar o aluno considerando toda sua totalidade e não chegando e dando para esse aluno uma nota de 0 a 10, nos fez ver o quanto o processo avaliativo é importante no mesmo sentido que nos faz melhorar o nosso processo avaliativo como futuros docentes.

Outro momento da residência pedagógica que é de suma importância não só para a reflexão da nossa pratica mas também para nos dar coragem e autonomia no dia – a – dia da escola futuramente é o encontro escola – família onde, os pais vão para a escolar saber o comportamento e o rendimento desses alunos e sentam pra falar com os professores e nos residentes que nas regências tivemos contado direto com os alunos também temos esse momento de fala com os pais, na hora até dá um nervosismo, porém, esse contato colabora com o nosso amadurecer como docente. Trabalhamos a nossa forma de falar, de se importa na frente dos pais e esse é um dos maiores benefícios que o Colégio de Aplicação nos proporcionaram nesse período de residência pedagógica e depois de muitos erros, acertos e uma relevante evolução no quesito de avaliar não só como fomos nos adaptando ao modelo proposto pela escola, mas como esse modelo nos beneficiou. Conseguimos visualizar melhor cada aluno e suas particularidades e seu comprometimento individual e em trabalhos em grupo. Já podíamos fazer uma leitura geral e/ou individual ao que se refere em atingir os objetivos da aula.

Como podemos observar escola-campo nos deu total aparato para desenvolver nossos objetivos, enquanto residentes. Com a ajuda do nosso preceptor podemos atentar a cada aula nossa própria evolução, nossos erros, acertos e cada vez mais firmar nossa prática pedagógica e definir o que queremos ensinar por trás do componente curricular da Educação Física, a partir da nossa imersão no programa que nos impulsionou a viver a realidade da escola e da prática pedagógica.

Essa escola – campo se tornou um diferencial não só pelo que ela nos oportunizou pelo modelo que ela possui, mas sim, como ela nos ajudou na nossa qualificação, na nossa autonomia, em nos mostrar que conseguimos vencer e resolver os desafios que podem aparecer no decorrer das aulas, que nós conseguimos lidar com os aluno e muito além disso que nós conseguimos aprender com eles, e essa experiencia nos residentes vamos levar e qualificar ainda mais esses aprendizados ao longo da nossa carreira como docente.

A participação dos residentes em todos os momentos na escola (aulas regulares, conselhos de classe, reunião de pais e mestres e etc.) é de extrema

importância, pois nos dá subsídios, para que possamos avaliar os estudantes e entender melhor a realidade na qual eles estão inseridos, como eles nos analisam e qual papel da escola na vida deles de forma mais específica. Atualmente, enxergar- se a importância de uma análise mais aproximada do professor em relação ao aluno, não só quanto ao aspecto cognitivo. O educador deve estar apto para lecionar e para ajudar seus alunos a se tornarem adultos responsáveis e cidadãos.

O registro constante permite uma observação mais fundamentada sobre os avanços dos estudantes, revelando a trajetória da aprendizagem (o que aprenderam, como e o que falta aprender), estabelecendo pontos de chegada para cada período de avaliação. A transcrição dos pareceres é para ser feito sob um olhar que vá para além das dificuldades/habilidades e que busque entender de forma mais detalhada a maneira na qual o estudante tem vivenciado todo o processo. Vale salientar que é desafiante ao professor, pois, requer uma atenção maior do docente em todos estudantes (sendo ciente de que cada estudante tem sua individualidade), para reunir o máximo de informações sobre esse contexto.

**CONSIDERAÇOES FINAIS**

Como podemos observar ser residentes não foi algo fácil, foi um processo desafiador, porém, que irá trazer grandes resultados para nossa formação docente. A vivência que nos foi oportunizada pela residência pedagogia nos oportunizou uma qualificação da nossa prática pedagógica inclusive pela vivencia altamente diferenciada pela escola campo em que nos residimos.

Com isso vemos que ser residente foi muito mais além de ser um estagiário, ser residente foi ser um futuro profissional preparado para saber lidar os desafios e aproveitar possibilidades que encontrarmos no nosso dia – a – dia como profissionais, se aproveitando disso para darmos aulas qualificada disponibilizando uma reflexão não apenas para os alunos mas também sempre obtermos uma reflexão crítica da nossa pratica.

**REFERENCIAS**

BRASIL. Edital CAPES nº 06/2018. Programa Residência Pedagógica. [Chamada Publica para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica]. Disponível em: http://www.capes.gov.br/pt/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica. Acesso em: 7 jul. 2019.

HAYDT, Regina Cazaux. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000.

IZABEL SADALLA GRISPINO. **SISTEMA DE CICLOS E PROCESSO DE AVALIAÇÃO**. Disponível em: http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com\_content&view=article&id=1355:sistema-de-ciclos-e-processo-de-avaliacao&catid=103:artigos-educacionais&Itemid=456. Acesso em: 7 nov. 2019.

PEREIRA, J.E.D.; FARIA, J.B. Residência pedagógica: afinal, o que é isso? Revista Educação Pública, Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-356, maio/ago. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Colégio de Aplicação - CAP**. Disponível em: https://www.ufpe.br/proplan/planejamento-institucional; Acesso em: 15 out. 2019.

1. Programa de Residência Pedagógica, Estudante de Licenciatura em Educação Física ESEF/UPE, rayeoliveira97@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Programa de Residência Pedagógica, Estudante de Licenciatura em Educação Física ESEF/UPE, xrenataxrafaela@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Programa de Residência Pedagógica, Estudante de Licenciatura em Educação Física ESEF/UPE, viniciusantosbrandao@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Programa de Residência Pedagógica, Doutora em Educação Física, Professora da ESEF/UPE, kadja.tenorio@upe.br [↑](#footnote-ref-4)